

Câncer de Mama:

Corpo feminino, política e a fotografia humanista de Katharina Mouratidi¹

Mônica Torres²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O presente trabalho busca investigar a série *Câncer de Mama* (2000), retratos de mulheres sobreviventes de câncer de mama produzidos pela fotógrafa alemã Katharina Mouratidi. A partir dessa série, iniciou-se uma aproximação com a artista para o estudo de suas fotografias sobre a doença. A ênfase está nas temáticas do feminino, do corpo e da política, buscando relacioná-las aos sintomas presentes na arte contemporânea. Como metodologia, empregou-se o estudo exploratório, por meio de pesquisa bibliográfica e entrevista em profundidade. Também são observados: processo criativo, intencionalidade e aspectos técnicos e materiais da série. Além disso, destaca-se o que alguns curadores têm dito a respeito dessas fotografias.

Palavras-chave

Câncer de mama, fotografia, feminino, arte, corpo.

Em outubro de 2000, Katharina Mouratidi exibiu pela primeira vez quatro retratos de mulheres seminuas afetadas pelo câncer de mama em 90 estações de metrô, em Berlim, em grandes cartazes publicitários. A série *Câncer de Mama* (*Breast Cancer*, em inglês, ou *Brustkrebs*, em alemão) despertou a atenção do público e da crítica especializada em arte e fotografia. Logo após a sua exibição, em 2001, a artista recebeu dois prêmios alemães pela série: o "German Study Prize", pela Koerber-Foundation, e o diploma de honra, no "The 100 Best Placards 2000". A série completa foi exibida em 2002, em Hamburgo, e, posteriormente, em Paris e Barcelona (*Museum der Arbeit*, *Gallery Le Bar Floréal* e *Primavera Fotográfica*, respectivamente). Nos anos seguintes, Mouratidi recebeu convites para levar seu trabalho a outros museus e galerias, participou de coletivas e de festivais de fotografia em diversas partes do mundo (incluindo o Brasil, em 2013, na exposição *Coleção do Joaquim Paiva*, no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro).³

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do curso de Comunicação e Cultura, da Pos-ECO, UFRJ, na Linha de Pesquisa Tecnologias da Comunicação e Estéticas. E-mail: monicalisboatorres@gmail.com.

³ O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro inaugurou, no dia 11 de junho de 2013, a exposição "Coleção Joaquim Paiva", com cerca de 100 importantes fotografias da coleção, que está em regime de comodato no MAM Rio. Atualmente, a coleção, uma das mais importantes do Brasil, possui quase duas mil fotografias, de artistas brasileiros e estrangeiros, de diferentes gerações e nacionalidades, revelando um amplo panorama da história da fotografia. Além de fotografias de Katharina Mouratidi, a exibição inclui obras de Ansel Adams, Claudia Andujar, Diane Arbus, Geraldo de Barros, José Medeiros, Marcel Gautherot, Pierre Verger e Rosângela Rennó, dentre outros.

A série *Câncer de Mama* reúne fotografias dos corpos de 22 mulheres que vivenciaram a doença, todas encontradas através de pequenos anúncios publicados em jornais de Berlim. Segundo a artista, ela não as selecionou por um critério específico, mas as aceitou na sequência de seus telefonemas. A motivação da fotógrafa era dar voz às mulheres interessadas em participar, independentemente de seu estado físico ou de saúde. Dessa forma, surgiram as fotografias de mulheres entre as idades de 25 e 63 anos. Dentre elas, algumas foram submetidas à cirurgia, fizeram uma mastectomia, tiveram uma mama "reconstruída" (ou não) e usaram uma prótese (ou não).

Fotografia 1: *Câncer de Mama 1*



Fotografia 2: *Câncer de Mama 2*



Fonte: Site da artista *Katharina Mouratidi*.⁴

Katharina Mouratidi, 2000. Técnica: Fotografia analógica, com câmera de grande formato, 4x5 polegadas. No processo, a artista pedia às participantes que possassem para a câmera de acordo com suas próprias interpretações, intenções e da forma como gostariam de ser representadas, considerando-se o fato de que estavam ali por serem mulheres sobreviventes⁵ do câncer de mama.⁶

O encontro com a série *Câncer de Mama* e as demais produções da artista deu-se a partir da pesquisa de doutorado em andamento, em que se estudam retratos e autorretratos de mulheres com câncer na fotografia artística contemporânea. Nesse percurso, procura-se investigar como a fotografia de doença torna-se arte contemporânea. A série de Mouratidi é uma das primeiras a chamar a nossa atenção

⁴ Todas as imagens desse trabalho estão disponíveis no site da artista *Katharina Mouratidi*. Disponível em: <www.globalerwiderstand.org/en/portfolio-breastcancer_01.html>. Acesso em: 01 mai. 2019.

⁵ O termo *sobreviventes* refere-se a um conceito mais atual da doença, em que as chances de tratamento e cura são maiores (o câncer já é hoje considerado como “doença crônica”, como analisa Moulin, 2008).

⁶ Katharina Mouratidi foi entrevistada por Mônica Torres, via internet, em 10 de Junho de 2019.

nesse cenário, passando a mobilizar e integrar a pesquisa em curso. No presente trabalho, procura-se observar que *sintomas* ou *características* da fotografia contemporânea estão presentes na série estudada. E como são organizadas pela artista.

Nesse momento, optou-se por uma aproximação com Mouratidi, para melhor compreender sua produção e seu processo criativo na série *Câncer de Mama*. O presente trabalho é o resultado dessa primeira aproximação. Como metodologia, empregou-se o estudo exploratório⁷, por meio de pesquisa bibliográfica e da *entrevista em profundidade* (realizada em 10 de junho de 2019, por meio eletrônico). Para isso, buscou-se levantar e analisar brevemente a sua obra, considerando-se a trajetória das imagens selecionadas (Como surgem? Para onde vão? Onde são exibidas?) e os aspectos técnicos e conexões que possam ser destacados (Que técnicas e tecnologias são empregadas? Que aspectos materiais são priorizados? Existem conexões entre suas fotografias? Que aproximações e diferenças apresentam?).

A série de Mouratidi abordada neste texto opera tensões e questões a partir de um corpo feminino político visível, entre o público e o privado, no contexto de uma fotografia que se propõe humanista. A motivação da artista é dar voz às mulheres que vivenciaram o câncer de mama, buscando ampliar, questionar e – talvez - reinventar o conceito social sobre a doença. Nessa primeira etapa, o objetivo é o de mapear e analisar (de forma breve) a série fotográfica *Câncer de Mama*. A ideia é também levantar os aspectos de ordem técnica e criativa de sua obra, buscando considerar a sua intencionalidade e os aspectos materiais. Além disso, procura-se observar o que curadores e especialistas (da arte contemporânea) dizem a respeito de seus trabalhos.

Katharina Mouratidi: a série *Câncer de Mama* e a fotografia humanista

O trabalho de Mouratidi sobre o câncer de mama certamente mobiliza a uma pesquisa mais ampla sobre a sua trajetória. Além de fotógrafa e artista, Mouratidi (n1971) apresenta-se como professora universitária e diretora artística, coordenando projetos e fazendo a curadoria de exposições em Berlim, onde vive e trabalha, e também em outros países. Sua formação é em Belas Artes (graduação e mestrado) e em comunicação visual (especialização), na Art-College Berlin-Weissense, na Alemanha. Atualmente, é membro da Associação Fotográfica Alemã (eleita em 2013) e Diretora-Executiva da Sociedade de Fotografia Humanista (desde 2008). Desde 2017, essa

⁷ Esse estudo é de natureza exploratória, porque traz mais informações sobre o fenômeno estudado, agregando mais referências sobre uma situação ainda pouco conhecida (SELLTIZ *et al.*, 1974).

organização administra seu próprio espaço de exposições em Berlim (*F³ - Freiraum Für Fotografie*), que apresenta de cinco a seis exposições de autor internacional por ano, além de realizar palestras com fotógrafos, debates e workshops.

O seu primeiro trabalho de reconhecido destaque artístico foi justamente a série *Câncer de Mama*, o que impulsionou a sua carreira como fotógrafa humanista. A curadoria do Centro de Artes Visuais La Capella, em Barcelona, em que a exposição foi convidada a ser exibida, em 2002, avalia:

Apesar do grande número de mulheres afetadas pelo câncer de mama em todo o mundo, o assunto ainda é pouco mencionado em público. Muitas mulheres vivem em isolamento, com vergonha do seu corpo, escondendo a sua doença ou suas consequências, como a mastectomia. A sociedade ainda tem dificuldade de lidar com essas questões. Por isso, trouxemos essa exposição para o *La Capella*, um de nossos espaços mais criativos. Acreditamos que a série de Mouratidi mostra as diferentes personalidades de mulheres com suas contradições, medos, inseguranças e angústias, mas também sua força, luta, vaidade, beleza e seu orgulho, questionando imagens típicas de mulheres de “passividade” ou de “sexo frágil”. Consideramos que essas mulheres mostram os absurdos dos códigos tradicionais de representação visual, que os consideram vítimas passivas de sua doença. Essa exposição mostra-as como sujeitos ativos que pedem à sociedade que reflita sobre sua situação, rompendo radical e conscientemente com a imagem de beleza de nossa cultura. (Apresenta a curadoria do La Capella, por Marta Clari, gerente do Instituto de Cultura de Barcelona e Carles Sala, do Centro de Artes Visuais La Capella)⁸

Como o exemplo acima, seguiram-se uma série de apreciações da crítica especializada em fotografia e arte, de diversos países. No Brasil, o colecionador Joaquim Paiva explicou porque incorporou uma fotografia da Série à sua coleção:

O trabalho de Mouratidi me chamou a atenção pelo impacto das imagens e pelo seu compromisso com o tema. Além de extremamente bem executado, aborda um tema de extrema relevância social e política. Eu estava no *Fotofest*, em Houston, no Texas, nos EUA, em 2006. Analisamos mais de 74 trabalhos e o dela, particularmente, me chamou a atenção. Eu percebi o envolvimento dela com o tema. E o fato dela realizar um trabalho sobre o câncer de mama, e buscar dar voz às mulheres, eu achei isso muito bom. Em um ambiente em que temos tanta coisa bonitinha, agradável aos olhos, para combinar com sofás e ficar bem na decoração, entende? Esse trabalho é diferente! Além disso, eu nunca tinha visto um trabalho de fotografia sobre esse tema. Muito menos, abordado dessa maneira. Como colecionador, eu também fiquei muito interessado no trabalho. E, logo depois, adquiri uma das fotos para minha coleção. Esse tipo de trabalho, onde o corpo tem um apelo estético político é crucial para a fotografia contemporânea. (PAIVA, 2019)⁹

⁸ CENTRO DE ARTES VISUAIS LA CAPELLA. Disponível em <http://lacapella.barcelona.es/katharina-mouratidi>. Acesso 10 de junho de 2019.

⁹ Joaquim Paiva foi entrevistado por Mônica Torres, pessoalmente, em 04 de Junho de 2019.

A artista também exibiu seus trabalhos em espaços culturais relacionados à saúde da mulher e participou de debates sobre o câncer de mama em museus, hospitais, organizações não governamentais e universidades:

Mais uma vez nos comprometemos com a luta para não esconder a doença e não permitir que ela esconda nosso corpo, que, como mostra a exposição de Mouratidi, ainda é nosso. Acreditamos que continuamos mulheres "completas" apesar do câncer. É uma exposição de mulheres seminuas submetidas ao tratamento ou à cirurgia para câncer de mama. É impressionante contemplá-las, mas, paradoxalmente, você é consolada como mulher pela força dos rostos dessas mulheres, que não parecem humilhadas ou feridas, porque a mensagem que nos mandam é que sua dignidade como mulher lhes permite também mostrar a doença. (*Revista de Comunicação Interativa de Saúde e Mulher*, maio de 2002)

Com grande repercussão desse projeto nos meios culturais, na mídia e na crítica especializada, Mouratidi teve o incentivo que precisava. E criou outros projetos de temáticas humanistas. Logo depois de produzir as séries sobre câncer de mama, em 2003, Mouratidi recebeu novos prêmios pela série “The Other Globalization” (“A Outra Globalização”). Neste projeto, por três anos, a fotógrafa retratou ativistas do *Movimento de Justiça Global* de 43 países. Em seu mais recente trabalho (2012), *Backstage Heroes* (*Heróis dos Bastidores*), Mouratidi fotografou 30 homenageados pelo *Right Livelihood Award*, conhecido em todo o mundo como o "Prêmio Nobel Alternativo", que reconhece pessoas e organizações que desenvolveram soluções excelentes para os problemas mais urgentes de nossos tempos e que estão lutando pela sua implementação.

Para a artista, o espaço para a fotografia que lida com questões socialmente relevantes diminuiu significativamente nos últimos anos e, por isso, se engajou na criação de uma organização que faz campanhas e incentiva trabalhos fotográficos sobre temas sociais e políticos: “Precisamos levar certas questões atuais para um público amplo e definir acentos de conteúdo visual na inundação de imagens de hoje”, explica Mouratidi. Em entrevista, a artista defende que a fotografia é um meio com o qual se pode efetivamente e enfaticamente apontar para certas circunstâncias e abusos sociais:

Através do forte impacto visual que nossa sociedade tem experimentado nas últimas décadas, hoje, muitas vezes, tomamos conhecimento de informações e notícias a partir das imagens. Algumas imagens iconográficas das últimas décadas, incluindo, é claro, a fotografia de Nick, da Guerra do Vietnã, ou as imagens da queda de Willy-Brandt no gueto de Varsóvia, em 1970, influenciaram a visão de mundo de gerações inteiras e contribuíram significativamente para a ruptura das estruturas sociais. O importante papel que a fotografia desempenha nos movimentos de democratização no Oriente Médio ou nos atuais conflitos sociais ao redor do mundo também sustenta seu significado e seu potencial para a formação de opinião, agendamento político e mobilização social. Como nenhum outro meio, é capaz de tocar as pessoas em seu íntimo, abrir novos horizontes e perspectivas e, claro, mudar o mundo, pouco a pouco.

Do meu ponto de vista, a fotografia socialmente comprometida ainda precisa de muito mais destaque em nossa sociedade. (Mouratidi, 2019).

Nesse sentido, pode-se relacionar o trabalho de Mouratidi com os argumentos apresentados por Azoulay (2008), em *O Contrato Civil da Fotografia*. Compreende-se que a produção de Mouratidi fortalece a ideia de que é impossível reduzir a fotografia ao papel de apenas produtora de imagens (AZOULAY, 2008). Sobre esse aspecto, pode-se considerar que a partir da segunda metade do século XIX tem surgido um espaço de relações políticas que não é mediado apenas pelas regras do poder do Estado e não está completamente sujeito à lógica do que ocorre na arena política. É o que considera Azoulay (2008), avaliando que esse *espaço civil político* seria aquele que as pessoas usam na arte e na fotografia, sejam fotógrafos, espectadores ou fotografados, todos os dias. Em outras palavras, a fotografia pauta a sociedade.

De acordo com as reflexões propostas por Azoulay, devemos considerar que o consentimento da maior parte dos sujeitos fotografados (em ter suas fotografias tiradas), mesmo quando eles estão sofrendo numa situação extremamente difícil e estão vulneráveis, presume que existe um espaço civil no qual os fotógrafos, os sujeitos fotografados e os espectadores dividem um reconhecimento de que o que eles estão passando é intolerável. Assim, é na esfera política e artística que é reconstruída a imagem através do *contrato civil*¹⁰, em que as pessoas fotografadas seriam cidadãos ativos e participantes, como qualquer um de nós. A ideia aqui presente é que quando as pessoas fotografadas nos olham, elas estão clamando pela sua cidadania, nos convocando a reconhecer e reconstruir a sua cidadania através do nosso olhar. Acredita-se, aqui, que as séries de Mouratidi fazem esse tipo de convocação.

Sobreviventes do câncer na fotografia e na performance do feminino

Na produção da série *Câncer de Mama*, a artista trabalhou com duas estratégias artísticas diferentes, mas complementares. Na primeira etapa, retratou os rostos das mulheres e destacou trechos de seus depoimentos que considerou mais marcantes em seus relatos sobre a vivência do câncer.

¹⁰ Azoulay enfatiza que a ideia do *Contrato Civil da Fotografia* é uma tentativa de ancorar o espectador em um dever civil na direção das pessoas fotografadas, e, assim, permitir uma possível forma de repensar os conceitos e as práticas de cidadania. A autora busca explicar a opção pelo termo “contrato” - ao invés de “empatia”, “vergonha”, “pena”, “compaixão” - como uma forma de organizar a relação que ocorre no olhar e no encontro com a fotografia resultante, onde todos os atores tem a mesma relevância: aquele que fotografa, aquele que é fotografado e aquele que olha a imagem, quando ela efetivamente acontece.

Fotografia 3: Câncer de Mama – Rostos 1



Fotografia 4: Câncer de Mama – Rostos 2



Fonte: Site da artista *Katharina Mouratidi*.

Katharina Mouratidi, 2000. A artista fotografa 17 rostos de mulheres, que são apresentados junto a trechos de seus depoimentos. Técnica: fotografia analógica, em grande formato, 6x6 polegadas.

Das kommt nicht, die haben mir so einen Stress gemacht. Ich will nicht sagen, ich habe einen Sünderdick, aber irgendwie habe ich gesagt: alles, der eine hat mir irgendwie den Krebs verursacht, und der andere diese Erklärung der Biologie. Und ich habe eigentlich zwar Stress im Kopf, aber das hat mir Spaß gemacht. Und wenn ich, der macht mir zwar Stress, aber das macht mir irgendwie Spaß. Aber bei diesem letzten Mann, der hat mich nicht gemacht, kann man so sagen. Nicht nur stressig, auch noch gemacht, und dann sage ich, das ist der Punkt, der mir Spaß macht.

Das kommt nicht durch diesen Schicksalsfall. Es ist zwar ein persönliches Drama, wenn man so will, aber es ist keine Sache, die nicht zu bewältigen ist. Und - auch keine Frau ist schuld an ihrem Brustkrebs. Weil der zweite Gedanke, der mir nach der Diagnose kam, war: was bringe ich das jetzt meiner Familie bei? Wie bringe ich das meiner Familie bei, wie bringe ich das meiner Mutter bei? Und ich habe mich unheimlich schuldig gefühlt. Ich konnte ja gar nichts dafür, es ist einfach nur ein Gefühl gewesen. Ich wollte, dass das völlig Blödsinn ist, aber man hat manchmal Gefühle, von denen will man, das ist Schwachsinn, aber sie sind halt da.

Em um segundo momento, fotografou corpos seminus dessas mulheres, buscando retratar as “marcas” e “consequências” da doença que elas mencionavam, muitas vezes, em seus depoimentos. O enfoque dos retratos dos corpos seminus é principalmente para os seios que são afetados durante o tratamento e cirurgia. Em entrevista, Mouratidi conta que: “Apesar de muito expressivos, estava faltando alguma coisa naqueles rostos. Foi, então, que tive a ideia de incluir os corpos dessas mulheres e seus seios nos retratos. Eles falam mais do que tudo. A meu ver, é o que de fato fazem-nas sentirem-se transformadas em sua subjetividade. Optei por manter os depoimentos por considerá-los fundamentais”.

Segundo a artista, todas as fotografias foram realizadas em estreita cooperação com as mulheres retratadas: “Minha intenção era fotografá-las como eles quisessem se apresentar em frente à câmera e em público. Não havia regras especiais no estúdio”, explica. Mouratidi acrescenta que, quando faziam contato para participar do projeto, ela explicava a proposta e conversavam bastante. E, no estúdio, pedia que as mulheres posassem para ela, com pose frontal, com a parte de cima do corpo desnudas, mantendo as demais vestimentas e adornos. Mouratidi dizia às mulheres que elas deveriam posar como quisessem, buscando sentir-se à vontade, imaginando-se que estavam posando para o público, e “dando um recado”, como mulheres sobreviventes do câncer de mama, com suas próprias interpretações, sentimentos. E como gostariam de ser vistas.

Fotografia 5: Câncer de Mama 3



Fotografia 6: Câncer de Mama 4



Fonte: Site da artista *Katharina Mouratidi*.

Mouratidi, na interação com as mulheres retratadas, coloca os seus corpos em cena e parte da estratégia da *performance* para organizar as suas obras. Essas fotografias encontram-se na categoria *encenada* ou *montada*, ensaios que surgem a partir de estratégias, performances e eventos especialmente criados pelos fotógrafos para as câmeras (COTTON, 2010, p. 9).¹¹ Essa área da fotografia contemporânea derivou, em parte, das fotos documentais de performances de arte conceitual e do movimento *fluxos* (1960 e 1970), mas hoje é diferente.

Ainda que algumas fotografias desta categoria exibam seu potencial status de registros acidentais de atos artísticos temporários, são principalmente destinadas a constituir o desfecho desses eventos. Neste caso, o objeto escolhido é apresentado como a própria obra e não simplesmente um documento, vestígio ou subproduto de uma ação que já acabou (idem, p.20-21). Para Cotton (2010), muitos trabalhos dessa categoria compartilham “a natureza orgânica da arte corporal e performática, mas o espectador não testemunha diretamente o ato físico, ficando, em vez disso, diante de uma imagem fotográfica como obra de arte” (p. 21). Segundo a autora, essa categoria busca dar atenção a como o ensaio foi preconcebido pelo fotógrafo, e como essa estratégia foi pensada para mudar a maneira como pensamos sobre o nosso mundo.

¹¹ Cotton (2013) está interessada em investigar o que caracteriza a fotografia como arte contemporânea buscando estudar e agrupar fotógrafos “que têm a mesma base de motivação e método de trabalho” (p.7).

Para Poivert (2010), a nova atualidade da *mise-en-scène* na fotografia se dá em um contexto de repolitização geral das artes. Hoje, mesmo quando o indivíduo é estigmatizado, pode criar uma *narrativa de si*, questionando seu direito e afirmando-se como vítima da sociedade (SCHECHENER, 2006, e SIBILIA, 2008). Logo, a série *Câncer de Mama* é produzida em um cenário em que numerosos artistas contemporâneos transformaram-se em *performers* da imagem, e produzem uma fotografia onde a *mise en scène* não é simplesmente uma construção em um quadro específico, mas a materialização, após um desenho preparatório, de uma ação pela imagem (POIVERT, 2010, e COTTON, 2010). Essas fotografias encontram-se em sintonia com essas análises e, dessa forma, inscrevem-se na cena artística contemporânea.

Câncer de Mama: processo criativo, retratos e depoimentos

No processo criativo, todas as retratadas foram convidadas a falar sobre algum aspecto de sua vivência da doença, que foi o mais importante e marcante para elas. Em seus depoimentos, elas explicam os diferentes aspectos de viver com o câncer. E falam sobre sua maneira de lidar com um assunto que ainda é considerado um “tabu”. Nas exposições, os retratos dos rostos eram exibidos acompanhados pelas legendas e junto aos retratos dos corpos *seminus*, alternadamente. Mouratidi, em entrevista, avalia:

Na Alemanha, o show foi ser a primeira exposição sobre o câncer de mama dessa dimensão. Pela primeira vez, as mulheres que se sobrepunham às gerações se declaravam sobreviventes do câncer de mama e falavam abertamente sobre a doença. O projeto queria ser entendido como um fórum que dá às mulheres afetadas a possibilidade de se manifestarem em público, ao invés de serem apenas objetos de discursos médicos. Aqui, elas mesmas demandam atenção para sua situação e pedem a discussão social e política sobre a doença que atualmente afeta uma em cada nove mulheres europeias. Desde então, o trabalho tem sido exibido em uma série de museus e galerias em diversos países do mundo. (MOURATIDI, 2019)

Pode-se dizer que os relatos presentes nas legendas (que nas exposições, acompanham os retratos) propõem reflexões sobre o conceito social e cultural da doença, mas também sobre questões dos bastidores, das relações com os médicos e do universo feminino. Destacam-se alguns exemplos:

a) Com o segundo seio, eu me permiti ser persuadida a deixar as próteses de silicone serem colocadas em mim e a não ouvir meus sentimentos. Desde o começo, eu disse: "Eu não quero, não preciso disso". E fui imediatamente pressionada. Os médicos disseram: "Está tudo bem. E isso tem que ser operado agora... É muito mais prático fazer tudo em um único procedimento" - e: "Podemos garantir que, em seis meses, isso não

- será mais importante para você". Depois de dois dias, eu desisti e permiti que as próteses de silicone fossem colocadas em mim. Nunca me dei bem com isso... E, depois de oito anos, eu resolvi dizer: "Muito obrigado, você pode tê-los de volta". E, desde então, me sinto muito melhor;
- b) Acho que alguém poderia ter descoberto isso em mim meio ano antes. Então, é hora de adotarmos restrições onde apenas certos médicos podem avaliar uma mamografia. No dia em que saí do hospital, fui ao meu ginecologista e perguntei por que ele não me enviara a um especialista seis meses antes, quando apareceu o primeiro sinal no ultrassom. Ele disse: "Você ainda é muito jovem, eu simplesmente não acredito que tenha sido algo sério com você. Você simplesmente não deu sorte.";
- c) Para muitas mulheres que têm câncer, as pessoas dizem: "Você é forte!" Se alguém tem uma faca na garganta, certamente não tem escolha.
- d) Passei a entender como a vida é valiosa e, se alguma vez eu me esquecer disso, as cicatrizes sempre estarão lá para me lembrar...
- e) Em algumas situações, penso: agora, você tem que ir rapidamente para casa... Agora, você não deveria continuar a partir daqui... Agora, você é uma mulher de peito amputado...

Nos exemplos apresentados, as legendas acompanhavam os retratos dos rostos:

Fotografia 7: Câncer de Mama – Rostos 3

Fotografia 8: Câncer de Mama – Rostos 4



Fonte: Site da artista *Katharina Mouratidi*

Katharina Mouratidi, 2000. As fotografias acima se referem aos relatos *c* e *e* e servem como exemplos para compreendermos como as legendas acompanhavam os retratos. Nos closes, os semblantes das mulheres retratadas aparentam certa seriedade e um ar de angústia.

Vielen Frauen die Krebs haben, sagten: "Du bist stark." Oh Gott - wenn man ein Messer am Hals hat, hat man doch keine Wahl! "Du schiffst das schon. Du bist stark." DOCH, so was habe ich, nachher - zu einem anderen sagten mich mehr die Erhebungen über andere mit sich heraus, ich denke, ich bin nicht stark, ich habe Kraft, ich. Das war aber nicht immer so, das hat sich bei mir so entwickelt, danach bei ich stark geworden. Aber ich brauche niemandem. Es bedeutet, dass ich stark bin. Ich bin nicht stark, ich bin ich.

Als es mir geht - aber da war ich 45 - ich meine, da hätte ich auch fast gehabt, noch einmal ein paar Jahre ältere. Neun zu erleben, ich hatte dann nach der Chemie so 'ne Phase, wo ich so ganz wild einfach nach mir auf dem Platz haben wollte. Aber das ist dann. E. In dem zweiten Stopper, dann zu sagen, ich muss jetzt aber nicht mehr klauen, jetzt da hier nicht weiter gehen, da hat mir auch eine so unangenehme Phase, und jetzt frage ich aber schon, ich habe. Ich mich nicht unbedingt nur in der Gegenwart oder mal in mich heute noch frage. Da hat was aufgeföhrt in mir zu leben.

Nas narrativas das legendas *a* e *b*, as mulheres (com semblantes sérios ou de angústia e marcas de expressão dos rostos em destaque, em que a artista trabalha com a estética da realidade e da arte testemunhal¹²) questionam o poder e o saber médico e a

¹² Sobre a estratégia artística com que trabalha Mouratidi, conectada à realidade e à arte do testemunho, Hal Foster (2014) propõe pensarmos a representação contemporânea a partir da criação de imagens que são conectadas à realidade, mas também desconectadas, simultaneamente reais e artificiais, afetivas e frias, críticas e complacentes. A sua perspectiva ganha força na análise da arte contemporânea, principalmente devido à paixão pelo *real*, à medida que enfatiza aspectos documentais, testemunhais, performáticos, relacionais e indiciários, considerando a demanda por realidade na cultura midiática. Para Foster, uma forte tendência atual tem sido a *arte testemunhal*, caracterizada pelo compromisso realista, aceitando a subjetividade autobiográfica como meio criativo e verdade humana.

relação médico-paciente. Para Mouratidi (2019): “esses depoimentos iluminam aspectos de difícil enfrentamento da doença e que praticamente não são abordados em outros meios”.

A série de Mouratidi pode ser considerada uma resposta em sintonia a algumas análises críticas, como as de Moulin (2008)¹³. A autora alega que, sobretudo no século XX, a medicina ocidental tornou-se o principal recurso em caso de doenças e, ao mesmo tempo, “um guia da vida corrente das tradicionais direções de consciência” (2008, p.15). Segundo Moulin, esse “guia” indica regras de comportamento, censura os prazeres, aprisiona o cotidiano em uma rede de recomendações, inclusive para o corpo em tratamento. Nesse sentido, as mulheres de Mouratidi são vozes ativas que contestam.

Além disso, o corpo fala. As mulheres retratadas mostram as transformações ocasionadas em seus corpos devido ao câncer e passam a ser “sobreviventes” do câncer. Assim, já não sabemos muito bem quais são os limites, o que pode ser mudado no corpo, sem que se mude de identidade ou não (Michaud, 2008, p.552). Os corpos dessas mulheres portam as dimensões médico-científicas e as suas escolhas sobre o seu próprio corpo a partir da relação médico-paciente. Para Moulin, “o corpo imerso no mundo virtual passa a ser o suporte das façanhas científicas”. (2008, p. 78) E esse é outro sintoma contemporâneo, que, muitas vezes, está presentes nas artes.

Nos retratos em que os seios das mulheres estão em evidência (quer tenham passado por mastectomia e por cirurgia de reconstrução, ou não), a artista busca realizar uma produção crítica da representação social da doença. Esses diferentes tipos de corpos e seios representam as vozes de diferentes mulheres, que questionam imagens idealizadas do *corpo são e desejável da mulher* e das instituições médicas.

Fotografia 9: Câncer de Mama no metrô de Berlim



Fonte: Site da artista *Katharina Mouratidi*

Câncer de Mama. Katharina Mouratidi, 2000. O primeiro formato em que as fotografias da série foram exibidas foi em grandes cartazes luminosos, nos metrô de Berlim (2000). Os retratos dos corpos seminus de mulheres sobreviventes do câncer de mama evidenciam os seios marcados pelo tratamento e cirurgia (mastectomia, com reconstrução ou não). Nessas imagens, os semblantes passam um ar de confiança, coragem e tranquilidade: elas estão sorrindo na maior parte dos retratos.

¹³ Em *O corpo diante da medicina*, Anne Marie Moulaïm (2008) analisa o conceito do corpo a partir do contexto da evolução das ciências de modo geral, quando o corpo pôde obter a centralidade no desenvolvimento da humanidade.

Ao olhar-se para as mulheres retratadas, elas parecem dizer: “Agora, estou sem os meus seios, mas, e daí? Qual é o problema? A vida continua, eu estou viva, sou eu aqui, estou vivendo do mesmo jeito” (avalia Joaquim Paiva, 2019, em entrevista). Essas imagens e depoimentos falam de luta pela vida, mas também da possibilidade da morte, algo inerente a todos nós (como nas legendas *c* e *d*). Certamente, num primeiro olhar, pode-se ter a estranheza de uma parte do corpo que falta, um seio decepado, que gera uma tensão e leva a pensar na doença e nas suas consequências. Mas, ao olhar-se para os seus rostos, nos retratos em que aparece todo o corpo, elas estão sorrindo, estão aparentemente tranquilas. Paiva (2019) acrescenta que: “Elas posam confiantes, com a força de quem lutou e sobreviveu. É diferente de outras fotos de pessoas com câncer sofrendo, sem cabelos, tristes, como se estivessem vivendo uma sentença de morte”. Portanto, é um trabalho que critica os processos de vitimização e despersonalização que experimenta o doente e que, ao mesmo tempo, advoga pela escolha do paciente.

Dessa forma, nas imagens em que aparecem seminuas, suas poses estão conectadas à crítica aos estereótipos e convenções estéticas de “mulher bela”. Já no close dos rostos, diferentemente, há algum sentimento de angústia. Alguns relatos falam da força do sentimento do feminino e de suas contradições diante de um seio “amputado” e de suas “cicatrices” (legendas *d* e *e*). Sobre esse aspecto, Jeudy (2002) observa que uma cicatriz pode ser um elemento de horror ou uma marca de honra: “É o olhar do outro que tira sua monstruosidade aparente. É uma marca do destino que parece anular o idealismo da beleza baseado na integridade do corpo, pela pele”. (JEUDY, 2002, p. 85).

Nesse sentido, vale observar que o corpo como artifício tem presença constante na arte contemporânea. É o corpo como ferramenta de projeção de sentidos, de significados e de valores (LE BRETON, 2007). Esse tipo de fotografia (de um corpo que performa para a câmera) integra o que Miranda (2008) chama de *artes do corpo*, que se centram mais nas urgências do tempo do que em critérios formais ou puramente estéticos: “Nada lhe é estranho, tudo lhe é servido de matéria. É o caso do corpo, que tem vindo a ganhar uma visibilidade que, para muitos, parecerá excessiva”. (Miranda, 2008, p. 150) O autor explica que essa visibilidade não seria assim tão inesperada com os rumos que a arte tomou, particularmente a partir dos anos 1960, ao contrário: a interrogação excessiva do corpo é sinal de uma profunda mutação da cultura. Especialmente a partir dos anos 1960, o corpo passou a desempenhar os primeiros papéis nos movimentos igualitários de protesto contra as hierarquias culturais, políticas

e sociais herdadas do passado (COURTINE, 2008, p.09). Nos anos 1970, as mulheres gritavam: “nosso corpo nos pertence” e protestavam contra a proibição do aborto. Foi nesse cenário que o corpo foi investido como um lugar importante de repressão, um instrumento crucial de libertação, uma promessa de uma revolução.

Pode-se dizer, então, que o século XX inventou teoricamente o corpo, e que aspirações individuais colocaram-no no centro dos debates, como objeto de pensamento e marcas de gênero, de classe ou de origem (que não podem mais ser apagadas). Certamente, essa influência migrou para produções artísticas e imagéticas desde então. Para Michaud: “a partir dos anos 1990, 80% ou até 90% da arte tomam o corpo como objeto. Quando se o mostra, utiliza-se sob a espécie do corpo do artista, produtor e performer”. (2008, 562-563). Para Miranda (2008) e Michaud (2008): “sem dúvidas, o corpo é a grande marca da contemporaneidade”. E, portanto, o corpo contemporâneo assume características e significações muito amplas e complexas. Miranda reconhece ainda a onipresença da medicina e da genética como tendências na arte contemporânea.

Agora, em um contexto de análise mais voltada para a técnica, podemos constatar a sua característica de precisão e “hiper-detalhista” da série *Câncer de Mama*. A artista opta por iluminação plana, frontal, com registros no mesmo fundo. Mouratidi busca ganhar consistência e criar uma sensação de diversidade: “em um mesmo mundo, diferentes mulheres, com marcas singulares em seus corpos”. E faz os retratos em estúdio, com total controle da luz, sem um cenário que os componha, dando o maior destaque possível às atrizes principais da cena e a seus corpos. O resultado estético das imagens é deliberadamente específico à medida que as imagens valorizam as modelos, colocando-as no centro da ação, com uma expressão positiva. Através de seus corpos, as mulheres retratadas transmitem a ideia de autoaceitação e coragem, em um enfrentamento à noção de passividade e medo, tradicionalmente relacionada à doença.

As séries de Mouratidi convidam ainda a pensar no que diz Sontag (2007), em seu célebre ensaio “A Doença como Metáfora”, publicado pela primeira vez em 1978. Para a autora, a maneira mais saudável de se estar doente seria justamente o de resistir a esse pensamento metafórico de “doença fatal”, de “sentença de morte” (para doenças como a tuberculose, no século XIX e o câncer, na atualidade). A ideia que Sontag tenta defender é de que esse tipo de pensamento não leva em conta o trabalho de cura que ocorre através da inteligência de um corpo que se redescobre a si mesmo. Assim, um dos seus principais objetivos consiste em retirar do câncer o estigma alegórico que pesa sobre ele. Para ela, quando se diz que uma a doença é uma maldição, é uma forma de

parar de pensar e de cristalizar as pessoas. Então, num diálogo com o pensamento de Sontag (2007), a atitude dessas mulheres é uma reação. São expressões confiantes de quem sobreviveu ao câncer e quer continuar a viver, com coragem, e escolher seus próprios caminhos e intervenções em seu corpo. E que solicita o apoio, a força e o afeto de quem olha para essas imagens.

Por isso, as mulheres de Mouratidi são também um enfrentamento. Elas expõem suas imagens e identidades buscando criar um novo conceito social para as sobreviventes do câncer. Além disso, enfrentam estigmas e preconceitos, e emprestam seus corpos a uma causa pública. Como observou Sontag (1978, p.12): “o câncer é uma doença largamente considerada como sinônimo de morte e é tida como algo que se deve esconder”. É também a esse pensamento que elas resistem.

Conclusões

Nesse estudo inicial, pode-se observar que o trabalho de Mouratidi inscreve-se em um cenário de discursos e orientações sobre o corpo, a política e a estética na arte contemporânea. Nas palavras de Poivert (2010), um “contexto de repolitização geral do campo artístico”. Acredita-se que a legitimação de sua obra, reconhecida pelo meio especializado, estão relacionadas à escolha de suas temáticas, bem como à originalidade e qualidade técnica de suas produções. Observa-se também que a maior parte de suas séries pertence à categoria que tem sido frequente na arte contemporânea: *encenação*, *performance*, *mise en scene*, como indicado por Cotton (2014) e Poivert (2010).

Câncer de Mama é uma série de retratos de mulheres que exploram as questões estéticas, éticas e técnicas da fotografia. A artista busca dar voz às mulheres sobreviventes ao câncer de mama, que emprestam seus corpos, rostos e testemunhos a uma causa pública. Essa é a marca do trabalho de Mouratidi, que encontra ressonância em sua trajetória de vida, seja de atuação artística, política e profissional: uma fotógrafa humanista, que lida com temas de interesse de toda a sociedade.

Sobre seu processo criativo, suas séries surgem a partir de situações em que a condição humana parece inaceitável. Como argumenta Azoulay (2008), uma situação na qual os fotógrafos, os sujeitos fotografados e os espectadores “dividem um reconhecimento de que o que eles estão passando é intolerável”. A fotografia contemporânea tem sido central neste sentido. Afinal, a fotografia pauta a sociedade.

Na série estudada, Mouratidi elege o retrato como principal estratégia artística. Ao mesmo tempo, inclui as legendas e textos de apoio que completam o sentido da

situação que busca questionar e dar visibilidade (sem identificar as mulheres com nomes), colocando, dessa forma, sua voz artística e posição política em sua obra.

Acredita-se, aqui, que a série *Câncer de Mama* propõe questões e tensões sobre o cotidiano da doença e o universo feminino: mostra as diferentes mulheres com seus *medos, fraquezas, inseguranças e angústias*, mas também (e principalmente) com sua *coragem, força, orgulho, serenidade e beleza*. Mouratidi busca mostrá-las como sujeitos ativos, que pedem à sociedade que reflita sobre sua situação e que clamam pela reinvenção do conceito social sobre a doença e o feminino.

Sendo assim, longe de esgotar a análise dessa série e de sua temática tão desafiadora, acredita-se que essa investigação contribui significativamente para a pesquisa em andamento, em que fazemos estudos semelhantes com outras artistas. Nesse sentido, a motivação é pesquisar retratos e autorretratos femininos, que abordem as questões relacionadas ao câncer de mama, séries que buscam questionar as noções de identidade e expressar a subjetividade feminina, a reinvenção corporal e de conceitos relacionados. É essa aproximação com nossos estudos que Mouratidi nos permite, propondo novos olhares e reflexões para a fotografia humanista e para os retratos contemporâneos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZOULAY, A. **The Civil Contract of Photography**, Zone Books, 2008
- BOURDIEU, P. L'illusion biographique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 62/63, p. 69-72, juin 1986.
- QUEIROZ, M. I. P. de. **Relatos orais: do indizível ao dizível**. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 39, n.3, p. 272-286, mar., 1987.
- LA CAPELLA. Disponível em <<http://lacapella.barcelona>>. Acesso 10 de junho de 2019.
- COTTON, C. **A Fotografia como arte contemporânea**. SP: WMF Martins Fontes, 2014.
- COURTINE, J. J. A, org. **História do corpo volume 3**, Petrópolis, Vozes, 2008.
- FOSTER, H. **O retorno do real: a vanguarda no final do século XX**, SP: Cosac Naify, 2014.
- LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.
- MICHAUD, Y. O corpo e as artes visuais. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (Orgs.). **História do corpo: as mutações do olhar: O século XX**.Vol.3 Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 541-565.
- MIRANDA, J. B. de. **Corpo e Imagem**. São Paulo: Annablume, 2011.
- MOULIN, A M. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (Orgs.). **História do corpo: as mutações do olhar: O século XX**.Vol.3 Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- POIVERT, M. **La photographie contemporaine**. Paris: Flammarion, 2010,
- REVISTA MUSEU. Disponível em: www.revistamuseu.com.br/site/br/noticias/nacionais/537-12-06-2013-colecao-joaquim-paiva-no-mam-rio.html. Acesso em: 10 jun. 2019.
- REVISTA DE COMUNICACIÓN INTERACTIVA MUJERES Y SALUD. Disponível em: https://matriz.net/mys-09/programa/dsq_09.html. Acesso em: 15 jun. 2019.
- SELLTIZ, C. *et al.* **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1974.
- SIBILIA, P. **O artista como performer: dilemas do eu espetacular nas artes contemporâneas**. In: LABRA, D. (Org.). Performance presente futuro, v. II. Rio de Janeiro: Aeroplano; Oi Futuro, 2010.
- SONTAG, S. **A doença como Metáfora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- KATHARINA MOURATIDI. Disponível em: <www.globalerwiderstand.org/en/portfolio-breastcancer_01.html>. Acesso em: 01 mai. 2019.